

Não poderia acabar: o director dos trabalhos o enxotaria como a um miserável mistificador.

Kardec deixou uma obra, se não acabada, ao menos com os alicerces feitos, com a infraestrutura definida. Nestas nove décadas que decorrem desde o seu aparecimento codificado, muito tem evoluído o Espiritismo. Mas ainda não foi necessário alterar nenhum ponto, sobre o qual ele houvesse emitido opinião. Muito se avançou no conhecimento de detalhes: nunca, porém, se constatou a menor necessidade de substituir uma viga, isto é, de mudar um conceito.

Assim, uma obra tão sólida não necessita ser consolidada por um trabalho a que falta base científica, falta lógica, falta esse apoio universal dos próprios Espíritos que, *urbe et orbe*, espalharam o imenso material com o qual a doutrina foi codificada no seu tríplice aspecto. A verdade não necessita da mentira para se consolidar.

Esta segunda parte da tese do sr. Gomes Braga, pelo visto, é uma cavilação, como o é a parte final, que diz ficarem assim "*confirmados o Cristianismo e o Judaísmo.*"

Perdoe-nos o sr. Gomes Braga, perdoe-nos o público. O melhor comentário à afirmação de que era necessária a obra de Roustaing para confirmar a obra de Jesus Cristo é... o silêncio.

VII

FECHEMOS esta série de artigos de análise do livro do sr. Ismael Gomes Braga e patenteemos o sentido do roustanguismo.

Nesta análise por vezes fomos aspero, dessa aspereza chocante mas necessária nos ambientes espíritas. Mercê de Deus, entretanto, jamais nos afastámos daquela recomendação de Kardec: *discutir sem disputar*. Nunca deixámos de citar fielmente as fontes; nunca faltámos com o respeito à lógica, aos factos, à verdade. Se, de passagem, fizemos referências a pessoas, vivas ou mortas, jamais ferimos condições personalíssimas. E' que essas criaturas estavam ligadas à projecção social de acontecimentos que interessam à gente espírita de modo muito particular.

Tomaram os espíritas como *slogan* número um o título de uma obra ditada pelo Espírito de Humberto de Campos: *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Meditem os leitores sobre o conceito aí contido. E' possível que o Espírito tenha lá as suas razões. Mas como? Quando?

Os factos são estes: somos vanguardeiros na fila dos países de analfabetos; esquecemos que a

leitura é necessidade fundamental para a evolução do Espírito; as estatísticas mostram elevadíssimo percentual de mortalidade infantil, traduzindo condições de vida muito abaixo dos padrões mínimos exigidos pela dignidade humana; a tuberculose, que os médicos, a despeito do bacilo, chamam doença social ou moléstia de carência, eufemismos sinónimos de *fome permanente*, faz larga devastação nas classes médias e inferiores. Deixemos de lado quaisquer referências àquilo que não atinja directamente o elemento humano e citemos, ainda, para edificação dos dirigentes espíritas, o facto de haverem cientistas de Manguinhos, de parceria com os da Rockefeller Foundation, constatado, no vale amazónico, largas faixas onde o teor de glóbulos vermelhos no sangue dos habitantes não vai além dos 35% da taxa normal o que, por seu carácter generalizado, atraiu a atenção para outros aspectos da vida rudimentaríssima daqueles nossos irmãos.

Aproximemos esses factos de uma frase corrente no país: *Para inglês ver*. E' a orientação que costumamos imprimir às nossas coisas e, parece, a isto se não forram os espíritas. Aquele belo dístico *Pro Brasilia fiant eximia* continua sendo dourada mentira: a razão estará ainda, e por muito tempo, com Euclides da Cunha, quando fala de uma civilização importada, sem raízes

na terra, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico. Tudo isto nos lembra a piada do incorrigível Emílio de Menezes: "*O Brasil começa no Cais Pharoux e acaba em Cascadura.*"

Mas um Espírito disse... então é dogma.

* * *

Nós daqui de São Paulo, tenhamos nascido em Piratininga, nas coxilhas gaúchas ou nos adustas planícies nordestinas, vemos o Brasil no seu todo, horizontal e verticalmente. E transportando esse modo de ver para o terreno da doutrina espírita, temos a noção exacta das tarefas assignadas aos espíritas do Brasil. Por isso dissentimos da opinião de ilustrado engenheiro, director de um órgão da imprensa espírita carioca, de que nos Estados não se encontram espíritas com capacidade para constituir um organismo legislativo para a direcção nacional do Espiritismo. Discordamos de s.s. porque essa fobia ao provincianismo, desmentida pelas realizações no terreno social, no Rio Grande, no Paraná e em São Paulo, para citar apenas as mais importantes, é um sentimento anti-cristão e uma demonstração inconcussa da hipertrofia do Eu; é um complexo com forma endêmica na direcção da Casa da Avenida Passos.

Porque temos essa visão de conjunto, nós de São Paulo promovemos, vai para um ano, um congresso espírita ao qual foram presentes, na Pauliceia, representantes de dezesseis estados brasileiros, a despeito da campanha deselegante, feita na sombra, pela Federação Espírita Brasileira, previamente convidada para assumir a sua direcção. Agora, ante os resultados da U.S.E. (União Social Espírita), a ex-casa de Ismael resolveu, noutro gesto deselegante, criar um organismo para gerar confusão, imitando o nome e a sigla daquelle: A.S.E. (Acção Social Espírita).

Por que motivos assim procede?

Ensina Kardec que a doutrina, por sua mora! fundamentalmente cristã, tem a dupla tarefa de esclarecer e reformar os indivíduos e de transformar a estrutura social por um processo evolutivo e paulatino, estabelecendo *uma sociedade verdadeiramente cristã* e não *uma sociedade cristã para inglês ver*. Assim sendo, cabe-lhe o dever de criar as condições psicológicas capazes de unir para fortificar e não as que separam para enfraquecer.

Que a F.E.B. não quer unir está visto na sua ojeriza aos congressos e no facto de excluir do direito de participar de sua direcção os *espíritas kardecistas*, isto é, aqueles que não aceitam as teorias de Roustaing (Estatutos da F.E.B., Art. 2.º, letra a e Art. 36.º, § 3.º).

Para que seja realizada a tarefa de esclarecimento dos indivíduos é óbvia a necessidade de se lhes darem os meios.

Quais os que a F.E.B. oferece?

Já os temos compendiado: I — num país iletrado, um número de obras em esperanto quase três vezes o das que oferece em português; II — uma revista obsoleta, insuficiente e sem plano educativo ou ordenação de conhecimentos, mas referta de publicidade de obras não fundamentais para a realização de tarefas, individuais e colectivas, da doutrina e, até, de outras a ela prejudiciais; III — incapacidade de atrair as camadas mais cultas da sociedade, pondo-lhes ao alcance as obras das grandes figuras estrangeiras, ou das que contribuíram para o avanço dos estudos científicos do Espiritismo e da Metapsíquica; ao contrário, mutilando algumas dessas obras em raras traduções e adquirindo os direitos de tradução de outras para os engavetar; IV — adulterando as obras de Kardec, desde que o público não as pode cotejar com o original; V — forjando volumes que Kardec não escreveu, como a “Doutrina Espírita”, para aí enxertar a propaganda do roustanguismo; VI — expulsando de seu seio as sociedades que, não sendo roustanguistas, participaram, sem o seu consentimento, de congressos espíritas; VII — estropiando os textos bíblicos nas obras de Kardec,

para gerar confusão e nas de Roustaing, para criar base lógica à argumentação; VIII — alterando texto de obras mediúnicas, como fez com uma ditada ao médium Francisco Cândido Xavier, para afeiçoá-la à tese roustainguista.

Ora, estes processos são desmoralizantes. E é o caso de lembrar aos directores da F.E.B. que os kardecistas, ainda quando ao par de todas estas coisas, não esqueceram a parábola do filho pródigo e são capazes de a pôr em prática. Tudo dependeria de querer esse filho pródigo voltar à casa paterna.

Mas fora preciso que compreendesse o sentido do roustainguismo. E corrigindo-se, corrigisse aquela instituição todas as falhas de que é justamente acusada.

Entretanto não é de esperar que o façam os seus directores. E não o fazem porque não podem ou não querem compreender que são vítimas da mais solerte, pertinaz e organizada, ao mesmo tempo paciente, complexa e poderosa falange de Espíritos que se possa imaginar: a falange vaticânica.

Fazer a história minuciosa da F.E.B. é rashear o trabalho dessa falange. E sua acção tornou-se possível porque, encontrando as brechas, que são as falhas humanas, não esbarrou com aquele espírito crítico de que Kardec deu exem-

plo e advertência nas reiteradas recomendações que nos legou. Alí faltou, também, conhecimento seguro dos Evangelhos e escritos complementares.

* * *

E' praxe nas sociedades espíritas aceitar tudo quanto lhes é dito, por Espíritos e por conferencistas e doutrinadores. Esquecem que, sendo o homem um Espírito encarnado e o Espírito um homem desencarnado, são dois aspectos da mesma coisa. Consequentemente, se há Espíritos que sabem mais do que nós, há homens que sabem mais que muitos Espíritos. Como não há análise das comunicações, esses Espíritos de falange se vão insinuando: dizem verdades, para captar o respeito, fazem diagnósticos e indicam medicação certa, para conquistar a estima. Mas quando dominaram o terreno agem de maneira multiforme no sentido de desmoralizar a doutrina, pelo rebaixamento de seu nível e pela derrocada de suas sociedades.

Para esses Espíritos todas as armas são boas, desde que produzam os resultados que objectivam. Têm conhecimentos variados, contam com muitos especialistas nos múltiplos sectores do saber. Por isso não recuam ante nenhum obstáculo, inclusive o da utilização da magia negra, isto é, o do emprego do trabalho mediúnico para

fins maléficos. Exercitam uma acção violenta sobre os médiuns, já transformando a sua psique, já produzindo uma concentração de fluidos em determinados pontos do organismo perispiritual dos pacientes, a qual evolui e acaba por atingir certas glândulas, determinando um comprometimento endócrino e, por vezes até, o aparecimento de lesões orgânicas mais ou menos devastadoras, quando não o de neoplasias, algumas das quais irremediáveis, já por sua localização, já por sua própria malignidade.

De todos esses trabalhos o pior é aquele que se projecta sobre as mentes, porque compromete a mesma liberdade do Eu superior. Afeiçoando-as a seus pontos de vista, aqueles obsessores tornam as criaturas sistemáticas, intolerantes, ilógicas e autoritárias e as arrastam a tomar as próprias ideais por verdades primeiras e os seus raciocínios como lógica infrangível.

São Espíritos deste quilate que procuram sustentar aquelas ideias cuja primeira vítima, nos tempos modernos, foi o próprio Roustaing.

O advogado francês não podia ignorar a posição de Kardec, como médico e como cientista; não podia desconhecer a projecção de sua obra. E conhecendo esta obra, deveria avaliar da segurança com que o Codificador tratava um assunto,

velho como a humanidade, revestindo-o de feições novas e lhe dando uma explicação concêntrica com os últimos postulados da ciência.

Ora, até hoje nenhum espírito equilibrado quis infirmar a Bília ou nela introduzir modificações, riscar passagens e torcer frases e, por cima de tudo, pretender a aceitação de tais deformações. Há trabalhos notáveis de filologia e de crítica histórica que permitem fixar as datas de tais ou quais livros que a compõem; é possível, mesmo rastrear algumas interpolações.

Modificações assim fizeram-nas alguns padres católicos, de maneira discreta, do mesmo passo que subtraem a Bíblia aos profitentes de sua religião. E o fizeram para que os textos modificados servissem de apoio a este ou aquele dogma.

Roustaing foi mais ousado, porque mais inconsciente; e mais inconsciente, a despeito de sua ilustração, porque vítima de uma obsessão: a de ser o messias da terceira revelação. Já o demonstra o título da obra: *Revelação da Revelação*.

Para que alguém, com o perfeito senso da magnitude da tarefa, se abalançasse a *corrigir a Bíblia valendo-se do ensino dos Espíritos*, fora mister tomar as seguintes precauções:

I — controlar as entidades comunicantes por meio de clarividentes bem desenvolvidos e de absoluta fidelidade;

II — criticar as mensagens, máxime nas passagens que ferirem a concordância com os textos bíblicos;

III — exigir argumentos dos próprios Espíritos, os quais deveriam apoiar-se, também, nos conhecimentos linguísticos, sobretudo nos trechos em que suas mensagens divergem dos códices;

IV — fazer a crítica das afirmações dos Espíritos à luz das conclusões a que já chegaram grupos especializados em assuntos bíblicos;

V — exigir elementos de identificação dos Espíritos comunicantes;

IV — depois de severa análise, discutir a matéria com os autores das mensagens;

VII — exigir que as mensagens sejam comunicadas igualmente em outros meios desconhecidos, aos quais seriam dados pelos Espíritos elementos para o estabelecimento de intercomunicação, a fim de que se possa verificar a concordância universal.

A Bíblia é monumento tão vetusto, original e prestigioso que qualquer tentativa, por mais honesta que seja, de lhe alterar uma vírgula, exige

estas canseiras, estes cuidados, estes critérios científicos que faltam na obra de Roustaing. Os roustanguistas precisam compreender que uma tradição de dezenove séculos, como é o Novo Testamento, não se destroi com uma simples e leviana afirmação não provada de um Espírito.

No seu livro "*A Bem da Verdade*", que encerra os artigos de célebre polémica, o dr. Henrique Andrade deixou claro que os roustanguistas da F.E.B. traduziram o triste livro alterando certas passagens com o fito de melhor encadear o raciocínio, baseando este em versículos bíblicos que também foram adulterados, coisa que não fez nem o próprio Roustaing.

A falange que age no Rio é mesmo pertinaz. Há muitos anos que trabalha para inutilizar a obra de Allan Kardec. Isto vem do tempo de uma sociedade que depois, fundindo-se com outra, originou a F.E.B.: *A Sociedade Academica Deus, Christo e Caridade*." Esta fez as nossas primeiras traduções de Kardec para o vernáculo. Pois naqueles tempos, aí por 1880 já os roustanguistas queriam alterar a obra do Codificador, como se vê na primeira edição de *A Gênese*, por influência dos *Quatro Evangelhos* de Roustaing. A edição é de 1882 e tal confissão vem na introdução; entretanto diz que foi decidido "*como prova de homenagem ao seu colleccionador, nosso Mestre,*

Allan Kardec, *conserval-as com o cunho que elle imprimio-lhes*". E acrescenta: A Sociedade Academica julga que não lhe assiste, como a ninguem, o direito de alterar o plano e menos ainda as bases fundamentaes, as theorias, a doutrina das obras publicadas pelo nosso Mestre; não só por lhe parecer isso uma profanação, por serem um legado precioso, pois que por ellas conhecemos a verdade, se nos fez a luz; mas ainda, porque não ha lei alguma conhecida que justifique tal procedimento; e, si tal lei existisse, seria barbara, despotica, vandalica, porque seria a annulação da propriedade, seria a negação do direito."

Aquela velha gente podia equivocar-se, mas tinha gestos elegantes como este de fechar a introdução com uma mensagem do Espírito do próprio Allan Kardec, dada na sociedade, focalizando a questão: "Sim" diz Kardec, "porque ainda que qualquer ideia, das ahí colleccionadas, tivesse de sofrer qualquer retoque ou modificação, seria trabalho reservado para uma obra especial, cuja leitura, sendo boa para aquelles que já conhecem profundamente a Sciencia Spirita, não convem áquelles que apenas comêçam: porque não estando preparados, teriam de fazer passar bruscamente por uma inversão todas as ideias arraigadas em seus cerebro, o que é contrário ás leis naturaes, e por isso inconveniente."

"Não defendo a obra que colleccionei, mas o melhor systema de, com methodo, lenta e suavemente, preparar aquelles que devem conhecer o que de mais elevado poderia se apresentar á concepção humana."

Estas palavras criteriosas estão longe de significar uma adesão de Allan Kardec ao roustainguismo. Este não passa de um equívoco que deve ser destruído elegantemente, segundo os postulados da doutrina espírita cristã, sintetizado no pensamento agostiniano: abraçar os homens mas profligar os seus erros.

* * *

Um paralelo entre os trabalhos de Kardec e de Roustaing mostra o seguinte:

- a) Kardec seguiu critérios científicos; Roustaing, não;
- b) as afirmações fundamentais de Kardec têm concordância universal; as de Roustaing, não;
- c) Kardec respeitou a ética nas pesquisas e citações; Roustaing e, principalmente, os roustainguistas, não;
- d) Kardec promoveu sempre a discussão, para chegar ao esclarecimento; o roustainguismo foge e proíbe a discussão, para evitar a evidência do erro;

e) Kardec é cristão: respeita os textos evangélicos e promove a união; Roustaing é anticristão: deforma os textos e exclui os kardecistas;

f) a obra de Kardec resiste à lógica, à crítica científica, ao bom senso e à moral; a de Roustaing é ilógica, anti-científica, insensata e imoral, porque infama o carácter de Jesus Cristo;

g) como Espírito, Kardec sustenta a inteireza de sua obra; como Espírito Roustaing confessa o seu erro;

h) os cientistas contemporâneos e posteriores e Kardec que na França, Itália, Alemanha, Rússia, Inglaterra e Estados Unidos, investigaram o Espiritismo, deixaram trabalhos concordantes com a codificação kardeciana; nenhum deles, entretanto, tomou conhecimento do trabalho de Roustaing e qualquer referência indirecta à sua tese central é no sentido de a condenar;

i) a obra de Kardec conduz à emancipação do dogmatismo e do ritual religioso; a de Roustaing submete o indivíduo aos dogmas e distroi a função social da doutrina espírita, que é essa mesma libertação, de que é exemplo a mariolatria dos roustaingistas.

* * *

Encerremos este trabalho.

Sabiam os judeus, que estudaram *a lei e os profetas*, bem como os saduceus, que se haviam

apoderado do Templo e punham em leilão o cargo de sumo-sacerdote, transformando a religião em mercantilismo e a autoridade religiosa em privilégio oligárquico de uma família, como se verifica ao tempo da pregação e do sacrifício de Jesus Cristo, que era chegado o instante profetizado para a vinda do Messias. Por palavras e actos Jesus mostrou-se hostil a entendimentos que confundiam interesses religiosos com situações políticas, fosse de conchavo com as autoridades, fosse de chefia de uma rebelião, como pretendente ao trono judaico, para sacudir a dominação romana. Por isso o sacrificaram. Vendo, porém, o desenvolvimento posterior do cristianismo, apesar de não expurgado da herança do judaísmo; vendo que apóstolos e discípulos faziam largo proselitismo entre judeus e estranhos, temeram os rabinos por seus interesses materiais de exploradores do Templo.

Precisavam desacreditar os cristãos e justificar o seu crime.

Ora, os judeus e cristãos conheciam os fenómenos espíritas, de que o Velho Testamento estava referto; estavam na memória de todos os acontecimentos da Pentecoste, que não passara de uma grande manifestação colectiva de mediunidade; ademais, sabiam os judeus que os primeiros cristãos praticavam a mediunidade. E pro-

curaram tirar partido desse facto, soprando que Jesus Cristo fora apenas um espírito materializado, desses que Kardec chama de *agêneres*.

Daí as duas epístolas de João, o evangelista, apóstolo da predileção de Jesus, sem dúvida por ser o mais arguto, o mais evoluido, o mais receptivo, o mais capaz de grandes sínteses, como bem o demonstrou no seu *Evangelho filosófico* e no *Apocalipse*. João foi a sentinela: deu o grito nas passagens daquelas epístolas, citadas no nosso primeiro artigo (I João, 4: 1-3 e 6; II João, 7) cuja repercussão encontramos nas epístolas de Pedro e de Paulo.

Por que assim procediam os judeus?

Porque se Jesus tivesse sido um espírito materializado não teria sido o Messias, porque não corresponderia às profecias. Não sendo o Messias, era um embusteiro. Continuariam os judeus absolvidos e gratificados por sua eliminação, pela consolidação de seu prestígio, do mesmo passo que essa primeira heresia prestava o serviço de desmoralizar o ensino do Nazareno, transmitido por seus apóstolos e discípulos.

Com o correr dos tempos abastardou-se o cristianismo, ante a pressão das coisas materiais, contacto com os políticos, proximidade do poder, tentação do conforto e do mandonismo. Paralelamente agiam outras forças subtis: o sincrismo

tismo religioso, marcante na liturgia, no ritual, nas práticas externas do culto, já então *católico*, menos por força da generalização de um conceito filosófico, do que por um imperativo político de religião oficial de um império que dominava o mundo. Na verdade todo o ritual católico, nos seus mínimos detalhes, é tirado daqui e dali, dos rituais das várias religiões que se encontravam, vivas, mortas ou agonizantes, dentro do próprio império.

Os dirigentes católicos herdaram, do lado romano, esse espírito de dominação e do lado rabínico, a capacidade de mercantilismo com as coisas religiosas.

Ora, para um como para o outro desses aspectos era prejudicial a prática da mediunidade. Os médiuns viriam a ser para a hierarquia sacerdotal aquilo que para o rabinismo haviam sido os profetas — um aguilhão ou uma chibata. E simplesmente aboliram a mediunidade: por todos os processos, inclusive pelas torturas e pelas fogueiras.

Passando para a vida de além-túmulo essas figuras destacadas do clero observavam os médiuns. E, ou os afeioavam ao seu serviço ou os obsidiavam e enlouqueciam, para que não viessem prestar serviços esclarecedores e, consequentemente, contrários aos interesses materiais da

Igreja Romana. Pode bem ver-se esse efeito das falanges vaticânicas na acção exercida nos ambientes reformados, onde se acredita, *ao pé da letra*, que as almas imateriais se salvam por meio de um banho no sangue material de Jesus, coisa que, além de paradoxal é imoral, por ser a justificação de um crime. Igualmente se o vê na crença protestante no Espírito Santo, isto é, nos bons Espíritos e na sua evocação, quando, entretanto, recusam a mediunidade, recusam o *baptismo no fogo do espírito* e discordam dos Pentecostais, assim como estes dos Espíritas.

Quando chegou o momento de se realizarem as promessas do Cristo, isto é, da vinda do Consolador, representado na doutrina espírita, aquelas falanges vaticânicas, não podendo abrir brecha na textura moral e na inteireza intelectual de Allan Kardec, procuraram agir em paralelo: escolheram um afigura de destaque, de mediunidade subtil, intuitiva e de inspiração, avassalaram um médium feminino para o serviço do primeiro, posto essa senhora lhes não aceitasse as mensagens, e restauraram a velha e desmoralizada heresia do corpo fluídico de Jesus, que se prestava admiravelmente para sustentar dois grandes dogmas católicos: o da Santíssima Trindade e o da Imaculada Conceição.

Define-se a situação na prática, que é a seguinte:

I — nos centros roustainguistas a acção das falanges tolhe o desenvolvimento das grandes tarefas sociais, porque isto seria detrimental ao catolicismo; II — nos centros onde a falsa compreensão de tolerância mistura kardecismo e rous-tanguismo, dá-se um choque de correntes de Espíritos, manifesto nas dissensões internas, que atrofiam os médiuns, anquilosam as sociedades, quando não as esfacelam; III — nos centros puramente kardecistas onde, em geral, não há estudo largo e profundo do assunto, são frequentes as crises, devidas ao trabalho de falanges; e, mesmo quando se constata que são falanges de padres, a falta de conhecimento panorâmico da matéria tira aos dirigentes o poder de domínio sobre aquelas, por isso que ignoram as causas profundas que as impelem.

Observe-se que nem sempre é seguro o controle através dos videntes. Em geral estes não se acham suficientemente instruídos; assim não sabem estabelecer a diferença entre: a — manifestações de animismo do próprio médium; b — manifestações de Espírito encarnado, cujo corpo somático esteja no ambiente ou fora dele; c — apresentação de uma ideoplastia por um mistifi-

cador, que maneja os fluidos ambientes e naquela se mascara; d — manifestação de um Espírito veraz. Entretanto não seria difícil explicar essas diferenças de imagens astrais, noticiadas pelos videntes, com o fito de assegurar o controle das manifestações.

* * *

Se a Federação Espírita Brasileira se sente com vocação para ser uma *federação* espírita brasileira; se a grande maioria dos espíritas brasileiros são kardecistas e desejam a modificação do *statu quo* criado pelos roustainguistas; se estes estão realmente convencidos das excelências de seu cisma, porque não concordam em tirar a limpo aquilo que os kardecistas impugnam?

Para tanto bastaria organizar um grupo seleccionado nas seguintes condições:

I — número igual de kardecistas e roustainguistas, escolhidos entre pessoas de cultura e imbuidas da responsabilidade do trabalho em que irão participar;

II — um grupo de médiuns videntes, previamente submetidos a testes;

III — incorporações ou mensagens psicográficas através de Francisco Cândido Xavier, e de um outro médium, previamente examinado;

IV — evocação dos Espíritos de Ismael, Bezerra de Menezes, Emmanuel, Allan Kardec e Roustaing;

V — aceitação de manifestações espontâneas de outros Espíritos.

Nestas sessões far-se-iam as seguintes perguntas fundamentais, além de outras, decorrentes dos mesmos diálogos:

1 — Quem está com a razão: Kardec negando ou Roustaing afirmando que Jesus Cristo não foi homem?

2 — E' legítima a mensagem atribuída a Roustaing, dado no Rio de Janeiro e publicada na obra "Revelações de Além-Túmulo", psicografada pelo médium sr. Carlos Gomes dos Santos?

3 — E' exacto que o Espírito de Allan Kardec tenha dado apoio à tese do corpo fluídico de Jesus?

4 — E' autêntica a mensagem atribuída a Kardec e publicada pela "Sociedade Academica Deus Christo e Caridade", na introdução à primeira edição brasileira de "A Genese, Os Milagres e As Predições segundo o Spiritismo", no ano de 1882?

5 — Como explicar a contradição entre as declarações de apoio de Kardec à tese roustain-

guista e a mensagem referida na pergunta anterior?

6 — Porque, desde 1882 até hoje não teria sido possível organizar uma obra de desenvolvimento, ampliação e, mesmo, de correção da obra de Kardec, como seria admissível nos termos da citada mensagem?

7 — São verdadeiras ou falsas as afirmações de João Evangelista em duas epístolas contidas na Bíblia, caracterizando como Espírito do Anticristo aquele que nega que Jesus Cristo viveu e sofreu na carne?

Se a F.E.B. está com a verdade é magnífica oportunidade de esclarecer seus opositores, que também são filhos de Deus. Se não o aceitar é que teme a verdade. Restará então aos kardecistas continuar proclamando a verdade com a F.E.B., sem a F.E.B., ou apesar da F.E.B..